

Gênero e Ativismo Online: um estudo de caso da campanha Não Mereço Ser Estuprada no Facebook¹

Bianca BORTOLON²

Marianne MALINI³

Fábio MALINI⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Este artigo busca analisar o conteúdo textual e as interações entre postagens e comentários presentes na página do Facebook “Eu não mereço ser estuprada”, braço da popular campanha de mesmo nome. Para isso, é feita uma reflexão sobre a utilização das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (nTICs) em ações de movimentos sociais aliado ao conceito sociológico de repertório, a fim de traçar de qual maneira a internet e seus dispositivos estão trazendo inovações para os repertórios de confrontos políticos e aplicando essa relação para compreensão do movimento “Não mereço ser estuprada” e da página derivada. Este trabalho é um recorte de um projeto em andamento sobre análise de discursos opressivos e de movimentos sociais nas redes

Palavras-chave: movimentos sociais; análise de redes; gênero; ciberativismo.

1. Movimentos Sociais, Internet e Gênero

Nos últimos anos, sobretudo a partir da década de 2000, os movimentos sociais contemporâneos aderiram o uso das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (nTICs) em suas ações coletivas, possibilitando assim um maior dinamismo, alcance de adeptos e inovação nas formas de agir coletivamente. Nesse sentido, o uso de redes sociais, tais como o Facebook, tornou-se um elemento chave nos processos de difusão de ideias, mobilização e organização de movimentos sociais.

Em seu estudo sobre movimentos sociais na era da internet, Manuel Castells (2013) estuda casos ocorridos em diversas partes do mundo entre 2010 e 2013, apontando alguns padrões de ação dos movimentos contemporâneos. Deles, Castells destaca pontos importantes, como o alcance das ações dos movimentos, não se restringindo às fronteiras

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada do Curso de Jornalismo da UFES, email: biancabortolon@gmail.com.

³ Mestranda em Ciências Sociais da PGCS-UFES, email: marianneinalini@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor Doutor em Comunicação e Cultura do Curso de Jornalismo da UFES, email: fabiomalini@gmail.com

nacionais e alcançando dimensões globais e o caráter atemporal e autoreflexivo das mobilizações, que valorizam a noção de viver um dia após o outro e o ato de se repensar a todo momento enquanto movimento.

O autor também aponta a noção de companheirismo presente no interior dos movimentos, onde “juntos conseguiremos”. A horizontalidade produzida pelas redes seria um padrão marcante, pois favorece a cooperação e solidariedade, reduzindo a necessidade de lideranças formais. Por fim, outro padrão importante vinculado é a característica viral dos movimentos contemporâneos: a capacidade de comoção e difusão não apenas por mensagens, mas em função de demonstrar a noção que um movimento pode nascer em toda parte. Na visão do autor, “*vir ou ouvir protestos inspira mobilizações, e desencadeia esperança*” (CASTELLS, 2013, p. 162).

Os pontos apontados por Castells formam, juntos, um conjunto de padrões de organização dos movimentos sociais contemporâneos, que utilizam a internet como um, senão seu principal território. Importante sociólogo político do século XX, Charles Tilly já na década de 1970 apontava seus estudos para as formas/padrões de ação de movimentos sociais, ao qual denominou como “repertório” de ação coletiva ou, mais tarde, como repertórios de confronto político (TILLY, 1976; 1993; 1995 apud ALONSO). Em suma, tais repertórios, ou formas de agir coletivamente, estão associados a um processo histórico cumulativo e adequados às necessidades, oportunidades e ameaças aos movimentos sociais (TILLY, 1995 apud PEREIRA). Por um lado, isso significa dizer que os movimentos sociais dispõem de um leque de formas de ação, sejam elas protestos, petições, barricadas, etc. Porém, por outro lado, é possível realizar a apropriação de cada um desses repertórios de maneira inovadora. Ao longo da história, repertórios podem ser criados, adaptados ou mesmo extintos, dependendo da estimulação de fatores conjecturais. A internet, por exemplo, pode ser avaliada como um elemento crucial para o surgimento de novos repertórios de movimentos sociais na contemporaneidade, podendo estar casada às ações de rua ou feita exclusivamente online (PEREIRA, 2015), caso da campanha “Não mereço ser estuprada”, objeto deste estudo.

Marcos Abílio Pereira (2010), ao discutir os impactos dos movimentos sociais nas sociedades democráticas, destaca as possibilidades de estímulos existentes tanto nas transformações em sistemas políticos - com a ampliação de espaços de participação, agendas políticas, fontes de informação e de políticas públicas -, como nas relações sociais no interior da sociedade civil, podendo contribuir para redefinições de normas, valores,

papéis, identidades e modos de interpretação de discursos presentes na esfera pública. Isto está relacionado ao fato de que as sociedades contemporâneas são baseadas no controle de informação e que a manutenção do sistema ocorre também nos âmbitos culturais e sociais, sendo necessária uma intervenção dos movimentos sociais também nas relações sociais e simbólicas, conforme ressalta Alberto Melucci (1996 apud PEREIRA, 2010).

Considerando então a mídia como tecido conjuntivo da sociedade (SHIRKY, 2011), o controle desta e, conseqüentemente, da produção simbólica advinda da mesma é indispensável para a mobilização e influência da opinião pública, além da pressão ao sistema político. Faz-se necessário aos movimentos sociais buscar o desenvolvimento de seus próprios meios de comunicação. A melhor e mais acessível maneira para isso veio no início dos anos 90, com o advento da Internet e nos tempos atuais, com a chegada e popularização das redes sociais digitais, em especial o Twitter e Facebook.

Antes visto como um espaço desvinculado da realidade, a internet hoje é parte fundamental de uma crescente parcela da população. Como explica Shirky (2011), a noção de ciberespaço começa a desaparecer porque ele está mais e mais agregado à nossa realidade. As redes sociais não são, como costumava-se conceituar, uma alternativa à vida “real”, mas um componente desta, e “tornam-se cada vez mais são instrumentos coordenadores de eventos no mundo”. (SHIRKY, 2011, p. 37)

A maior vantagem do uso das mídias digitais enquanto método de mobilização para os movimentos sociais é a horizontalidade criada por elas e tão desejada no mundo contemporâneo. Antes, a lógica da televisiva considerava seus espectadores como membros sem conexão – apenas, como o nome diz, espectadores. As mídias sociais vão na contramão disso, permitindo que indivíduos agreguem valor umas às outras e, ao fazer isto, as pessoas se comportam de maneiras novas e entendem o poder de sua capacidade própria de criar e compartilhar. (SHIRKY, 2011). Este conceito é especialmente empoderador quando aplicado à lógica de gênero, visto que mulheres tradicionalmente têm seu poder pessoal subestimado devido ao pensamento imperante da mulher enquanto sujeito social passivo e submisso. Juntando todos os fatores, é possível traçar uma justificativa para o movimento feminista ser um dos que mais utilizam a internet como instrumento de luta.

Entretanto, apesar de pouco enfatizado pelo saber histórico tradicional, a presença de mulheres nos movimentos sociais é constante na história do Brasil. Um grande número de mulheres esteve presente nas diversas revoltas que permearam e construíram nossa história. Além disso, os movimentos de mulheres no Brasil organizaram-se fortemente

durante o século XIX, lutando por questões que perpassam o sufrágio, a luta por direitos civis e principalmente o abolicionismo. Foi durante os anos 80, porém, como resultado da profusão da nova onda do pensamento feminista ditado principalmente por Simone De Beauvoir⁵ e Betty Friedan⁶ e paralelamente ao processo de redemocratização do país, que houve uma fortificação do movimento feminista brasileiro e a busca pelos direitos das mulheres diferenciados e não subordinados às lutas gerais do povo brasileiro, especificamente empenhado pelo direito ao prazer e contra a violência sexual e supremacia masculina (BANDEIRA, MELO, 2010).

2. A campanha “Não mereço ser estuprada”

Em março de 2014, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) divulgou a pesquisa “Tolerância social à violência contra as mulheres”, cujos resultados tornaram-se polêmicos nas redes sociais. A pesquisa tinha como objetivo investigar a percepção do cidadão brasileiro perante à violência contra mulheres a partir do quanto os entrevistados concordassem ou não, em graus que variam dentre totalmente, parcialmente e neutro, com diversas afirmações e ditados populares relacionados ao tema. O dado causador de maior alarde foi a porcentagem de brasileiros que concordavam, total ou parcialmente, com a afirmação “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”: inicialmente, 65% de aproximadamente 4 mil pessoas.

O alto número foi recebido por grande parcela da população e repercutiu amplamente nas redes sociais, gerando ainda maiores debates sobre a culpabilização da mulher em casos de estupro, tema já bastante pautado pelo movimento feminista. Em resposta, diversos usuários manifestaram sua indignação através de imagens na qual afirmavam “Eu faço parte dos 35%”, referenciando e diferenciando-se assim da maioria exposta pela pesquisa.

A partir desta, surgem diversas outras campanhas em oposição ao resultado apontado pelo IPEA. No entanto, a de maior repercussão foi a “Não mereço ser estuprada”, criada pela jornalista brasileira Nana Queiroz. No dia 28 de abril, Nana postou no Facebook uma foto em que aparecia sem a parte superior da roupa, cobrindo os seios com um dos braços e o outro posicionado em sua testa. Neles, estão escritos em vermelho os

⁵ Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma filósofa, escritora e feminista francesa. Seu célebre trabalho “O Segundo Sexo”, no qual desnaturaliza a construção do gênero feminino, é uma das mais importantes obras do movimento feminista.

⁶ Betty Friedan (1921-2006) foi uma ativista estado-unidense. Sua obra “A Mística Feminina” é, ao lado de “O Segundo Sexo”, uma das mais célebres obras do movimento feminista, no qual pontua a existência da construção do mito da mulher mãe e esposa.

dizeres “NÃO MEREÇO” e “SER ESTUPRADA”. A partir da publicação, a jornalista iniciou a campanha intitulada “Não mereço ser estuprada”, pela qual convida outras pessoas a postarem fotos similares e acompanhadas da frase temática em um evento no Facebook criado por ela. Foram mais de 40 mil usuários confirmados. (BORELLI, DIAS, 2014)



Figura 1: Nana Queiroz e a foto que deu início ao protesto virtual.

Uma semana após a difusão da pesquisa, o IPEA divulgou em uma nota a alteração deste percentual para 26%, valor consideravelmente menor que o inicial. Além desse erro, atribuído a uma confusão entre gráficos, especialistas em pesquisas de opinião questionaram diversos pontos da metodologia utilizada pelo Instituto. Isso, no entanto, não atrapalhou o desempenho da campanha, que recebeu apoio e adesão de milhares de mulheres, celebridades e até mesmo da presidenta Dilma Rousseff, através de sua conta pessoal no Twitter.

A grande quantidade de adeptas ao movimento inspirou diversas ramificações da campanha. Motivadas pelo seu sucesso, outras mulheres se mobilizaram para reunir as fotos e relatos lá apresentados, dando início à fanpage: “Eu não mereço ser estuprada”.

Mais que um compartilhamento comum da hashtag #nãomereçoserestuprada, tal fanpage se configurou como um espaço de luta de questões de gênero, reunindo ativistas e usuários comuns de todo país, onde o conteúdo superou a performance imagética das fotos e típica do protesto idealizado por Queiroz, trazendo também relatos de vivência, mobilização para denúncia à violência contra mulher e diversas outras questões que tangenciam a luta de mulheres e feminista.

Diante da riqueza de conteúdo presente nas postagens e interações da página, além das controvérsias inerentes às temáticas que envolvem lutas de mulheres, torna-se interessante a compreensão do conteúdo textual presente na fanpage “Eu não mereço ser estuprada”. Este artigo tem como objetivo realizar uma avaliação deste conteúdo e também traçar a relação de interatividade entre a página e seus seguidores a partir de uma análise do elo entre as postagens da fanpage e os comentários ali presentes.

3. Metodologia aplicada na análise de conteúdo da página “Eu Não Mereço ser Estuprada”

A Internet e principalmente as redes sociais possibilitam aos seus usuários a exposição em tempo real das mais diversas opiniões, sentimentos e comportamentos, configurando assim um enorme banco de dados humanos. Isso gera um interesse cada vez maior de estudiosos de diversas áreas, principalmente do campo das humanidades digitais. Um dos maiores desafios destes pesquisadores é o grande volume de dados a serem coletados, manipulados e analisados, estimulando assim a criação e experimentação de certos métodos de pesquisa e/ou adaptação daqueles já existentes.

A metodologia deste trabalho se deu a partir do método Topic Modeling ou Modelagem de Tópicos, o qual vem sendo utilizado por pesquisadores do campo das humanidades, em especial por historiadores e literários. A modelagem de tópicos consiste em identificar temas semelhantes existentes dentro de um dataset, para assim reuni-los em categorias e em subcategorias.

Um exemplo prático que ilustra a modelagem de tópicos foi relatado por Megan R. Brett (2012, p. 2). Baseando-se na ilustração de David R. Blei (2011), Brett explica que um modo de pensar o processo da modelagem de tópicos em experiências mais concretas é imaginar a leitura de um texto junto da utilização de marcadores. Com eles, normalmente juntamos as palavras ou frases chave e a partir do uso de diferentes cores agrupamos a similaridade entre os temas (tópicos) destacados. O uso de marcadores de texto, portanto, nada mais é que uma aplicação simples e concreta da modelagem de tópicos dentro de um determinado texto.

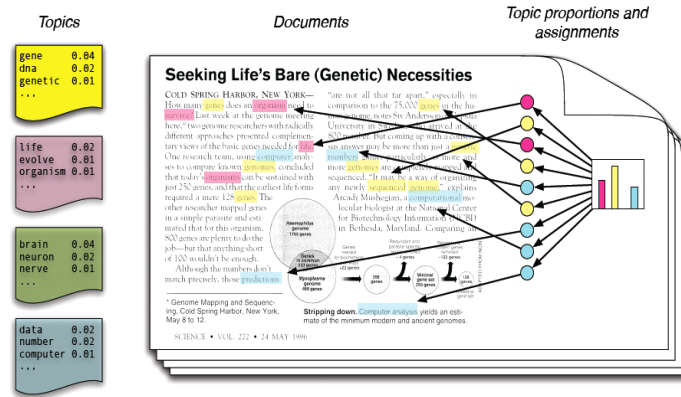


Figura 2: Exemplo prático do método de Modelagem de Tópico aplicado.
Fonte: Brett (2012, p. 2).

Este método é um recurso substancial para encontrar os padrões presentes em grande volume de dados, caso do dataset explorado nesta pesquisa, que totalizou 592 postagens e cerca de 2.724 comentários, coletados entre os dias 29/03/2014 a 04/04/2015. A escolha do período de análise levou em consideração a data do primeiro post publicado na página e o último comentário no dia em que os dados foram coletados.

O processo de modelagem de tópicos aplicado ao conteúdo produzido na página "Eu não mereço ser estuprada" é composto por quatro etapas, sendo estas: 1) coleta de dados; 2) Identificação de categorias e subcategorias; 3) Classificação dos posts e comentários e; 4) Auditoria de dados.

3.1 Coleta de Dados no Facebook

A escolha da fanpage "Eu não mereço ser estuprada" se deu pela grande relevância da mesma. Após a criação do evento pela jornalista Nana Queiroz, houve um *boom* de páginas e grupos no Facebook, perfis no Twitter, Tumblr, etc. A fanpage "Eu não mereço ser estuprada", entretanto, teve um número de seguidores maior que o todas as outras, totalizando atualmente 40 mil curtidas, número correspondente à página oficial da campanha. Além disso, a interação entre página/usuário era notável, visto que um dos pilares da página era incentivar mais pessoas a relatar seus abusos e aderir à campanha.

Para a constituição do dataset, foi necessária uma coleta de dados da página "Eu não mereço ser estuprada". Utilizamos o aplicativo Netvizz, pelo qual é possível extrair dados de páginas, grupos e outras funções do Facebook. O período recortado refere-se ao primeiro post publicado (29/03/2014) e ao último comentário do dia de coleta pela equipe de pesquisadores (04/04/2015).

No caso de páginas, o Netvizz gera dois arquivos em extensão *tab: posts*, no qual agrupa o conteúdo de posts e *comments*, onde estão os dados dos comentários presentes na página. A pesquisa utilizou-se de ambos os arquivos, a fim de entender a relação presente entre posts e comentários. Para a leitura dos dados, utilizamos o *Microsoft Office Excel*.

Portanto, o dataset coletado trata-se de uma visão total do conteúdo presente nos posts e seus respectivos comentários da página “Eu não mereço ser estuprada”. Nele, obtivemos a partir do Netvizz diversos dados das postagens, como texto, tipo (foto, vídeo, link ou status), horário, url das imagens etc. Para esta pesquisa, que tinha como finalidade uma análise do conteúdo textual, utilizamos essencialmente as colunas de texto e tipo de postagem.

3.2 Identificação de Categorias e Subcategorias

Cada pesquisador recebeu uma fatia aleatória de posts e comentários, dispostos ao longo do dataset, para leitura prévia. O intuito foi criar uma legenda comum aos pesquisadores composta por categorias e subcategorias, já possíveis de serem detectadas naquele momento. Ao longo de todo o processo, esta legenda passou por alterações, consistindo normalmente em acréscimos de categorias e subcategorias surgidas através de análise de todos os posts e comentários pela equipe. Abaixo (Figura 4) segue a relação de categorias e subcategorias que compuseram a versão final da legenda trabalhada pela equipe.

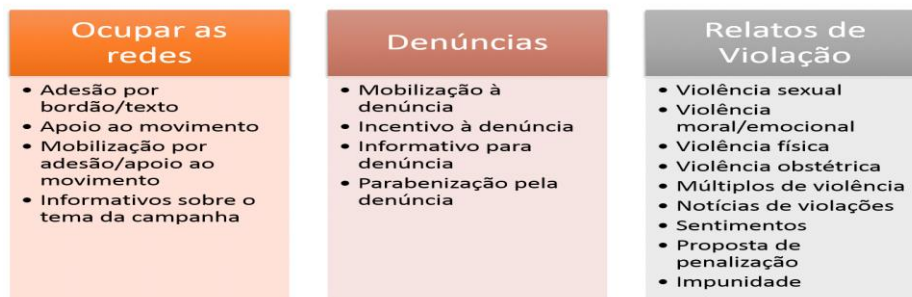


Figura 3: Relação de categorias e subcategorias que compuseram a legenda final utilizada .

Cabe dizer que essa legenda representa uma primeira tentativa dos pesquisadores em pensar sobre os principais temas e subtemas presentes no dataset, além de uma tentativa de uniformização dos olhares, já que a equipe de análise foi composta por quatro pessoas dedicadas à atividade em locais e tempos diferentes. A partir da legenda, todos os posts e comentários foram lidos e classificados pela equipe.

3.3 Classificação dos Posts e Comentários

A categoria Ocupar as Redes corresponde às estratégias de atuação do movimento "Eu não mereço ser estuprada" no Facebook, em prol da mobilização de adesão ou apoio de usuários. Vale pontuar que consideramos como usuários adeptos ao movimento apenas aqueles que incluíam a foto bordão da campanha, pois seguiam à risca o apelo inicial da campanha: frase mais foto pessoal, realizando, portanto, uma diferenciação entre adeptos e apoiadores. Além disso, também fazem parte da categoria Ocupar as Redes os compartilhamentos de informações relevantes ao movimento.

A categoria Denúncia engloba comentários ou posts que incentivavam, mobilizavam, aconselhavam ou informavam a respeito de procedimentos, páginas ou sites de denúncia.

Relatos de Violação, por fim, são os depoimentos a respeito de violações sofridas, presenciadas ou compartilhadas por usuários, seus membros familiares, casos famosos de violação ou por seus amigos. Compreende também as notícias com conteúdo sobre violações e as reações dos usuários ao abuso.

3.4 Auditoria dos dados

Terminado o processo de classificação dos posts e comentários, iniciou-se uma etapa de validação do conteúdo analisado. Neste processo, comentários entendidos pelos pesquisadores como fora de sentido, contexto ou ambíguos foram excluídos. Outros casos de exclusão foram os posts compostos apenas por imagem, já que não obtinham conteúdo textual.

4. Resultados da Pesquisa

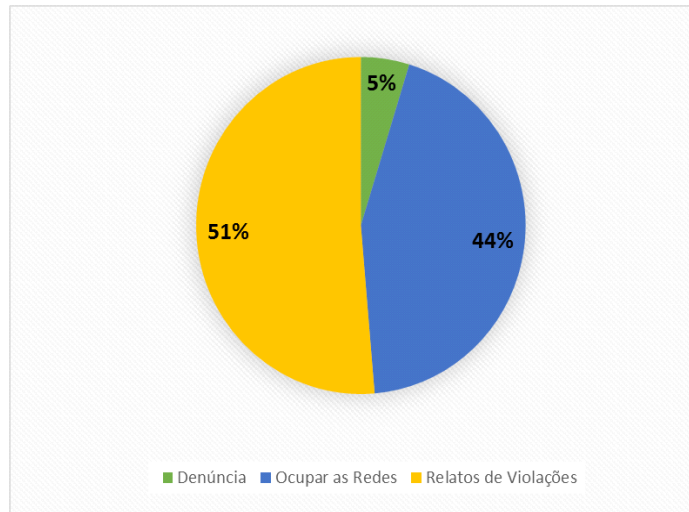


Gráfico 1: Categorias Post.

Dado o caráter inicial do evento, era esperado que as adesões e as manifestações de apoio, presentes na categoria Ocupar as Redes, formassem o principal contingente de mensagens postadas pela página, afinal o propósito que deu início à fanpage era a réplica de fotos bordão presentes no evento criado por Nana Queiroz e uma busca por apoiadores da ideia geral da campanha. Entretanto, como mostra o Gráfico 1, os Relatos de Violação ultrapassam a porcentagem da categoria Ocupar as Redes. Isso mostra que a fanpage atingiu um propósito além do imaginado em sua concepção – ultrapassou o sentido de banco de dados do evento “Não mereço ser estuprada”, tornando-se um espaço seguro para a fala de mulheres vítimas de abuso.

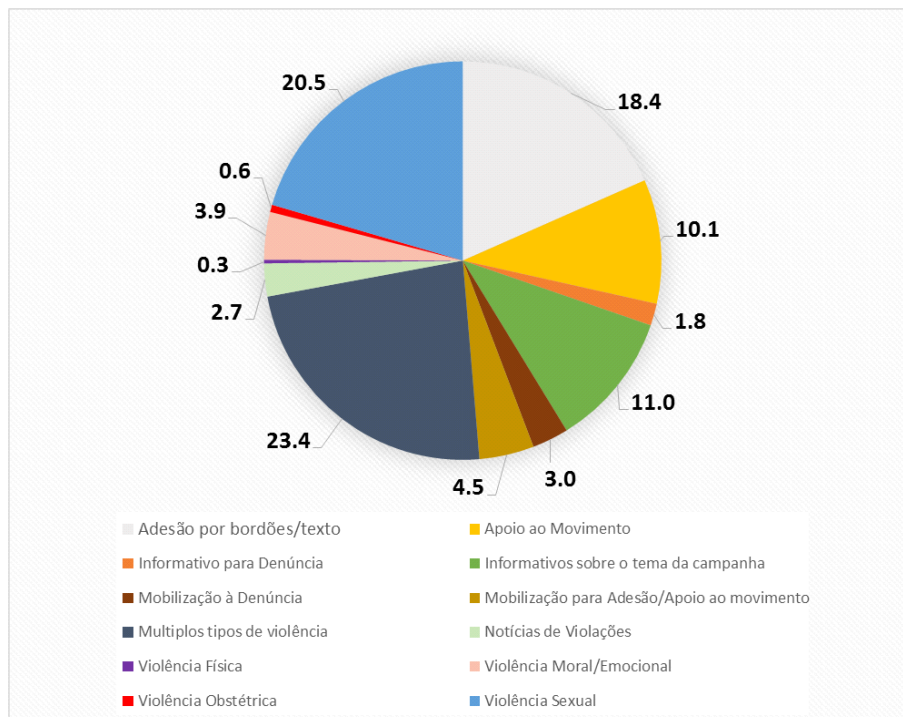


Gráfico 2: Subcategorias Post.

Acima, o gráfico ilustra as nuances do discurso presentes nas postagens, ou seja, as subcategorias. Os relatos enviados à página contêm explicitamente mais de uma forma de violência em 23,4% das vezes. De maneira isolada, a Violência Sexual desponta como a mais frequente nos relatos, estando presente em 20,5% deles, condizendo com a linha ideológica do evento voltada para a luta contra o estupro. Entendemos como violência sexual todo aquele relato que poderia ser enquadrado como tal pelo Código Penal Brasileiro ou pela Lei das Contravenções Penais, como enumera Polimeni (2007): Estupro (art. 213 CP); Assédio sexual (art. 216 CP); Atentado violento ao pudor (art. 214 CP); Sedução (art. 217 CP); Rapto (art. 219 CP); e Importunação ofensiva ao pudor (art. 61 LCP).

Ao observar o conteúdo dos relatos de violência sexual, é importante frisar que boa parte das histórias ocorreram enquanto as vítimas ainda eram crianças ou adolescentes, dado que vai ao encontro dos resultados da pesquisa “Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde”, divulgada pelo IPEA em 2014. Segundo a Nota Técnica:

Por fim, mais de 70% dos estupros vitimizaram crianças e adolescentes. Tal dado é absolutamente alarmante, uma vez que as consequências, em termos psicológicos, para esses garotos e garotas são devastadoras, uma vez que o processo de formação da autoestima - que se dá exatamente nessa fase - estará comprometido, ocasionando inúmeras vicissitudes nos relacionamentos sociais desses indivíduos. (IPEA, 2014)

As subcategorias de Ocupar as Redes estão divididas com menor discrepância entre si. Enquanto Múltiplos tipos de violência e Violência sexual, pertencentes ao tópico Relatos de Violações, despontam com porcentagens muito superiores em relação às outras subcategorias de mesma ordem, os números das subcategorias de Ocupar as Redes não possuem tamanha diferença. Adesão ao movimento, as fotos bordão, são as de maior frequência, mas logo atrás estão os Informativos sobre o Tema da Campanha e as Notícias de Violação. A maior diferença aparece quando comparado à Mobilização para Adesão/Apoio ao Movimento, com apenas 4,5%. Isso ocorre porque a mobilização aconteceu de maneira espontânea, sem que fosse necessário o esforço da página em buscar voluntários: a popularidade e força da fanpage e do propósito da campanha foi o grande motriz para a captação de participação dos usuários. Analisando as datas é possível ver que a maioria dos posts de mobilização não acontece durante o grande *boom* da campanha, e sim mais atualmente, a partir da queda de popularidade e visibilidade da hashtag #nãomereçoserestuprada.

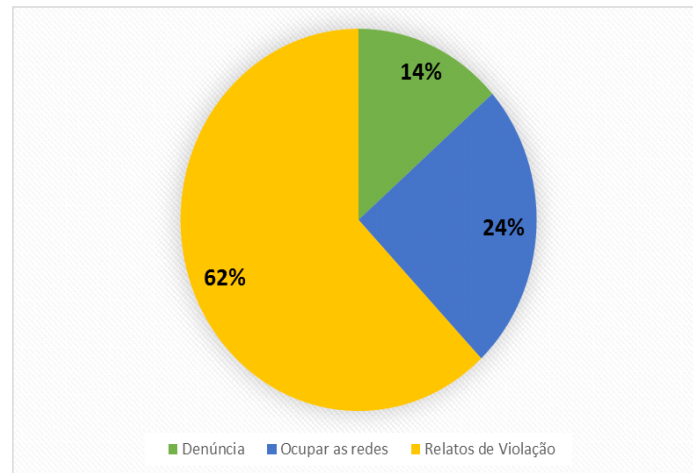


Gráfico 3: Categorias Comentários.

Para as categorias dos comentários, conforme exposto no Gráfico 3, o padrão de ordem das subcategorias se repete, tendo apenas como diferença um maior percentual para a categoria Relatos de Violações.

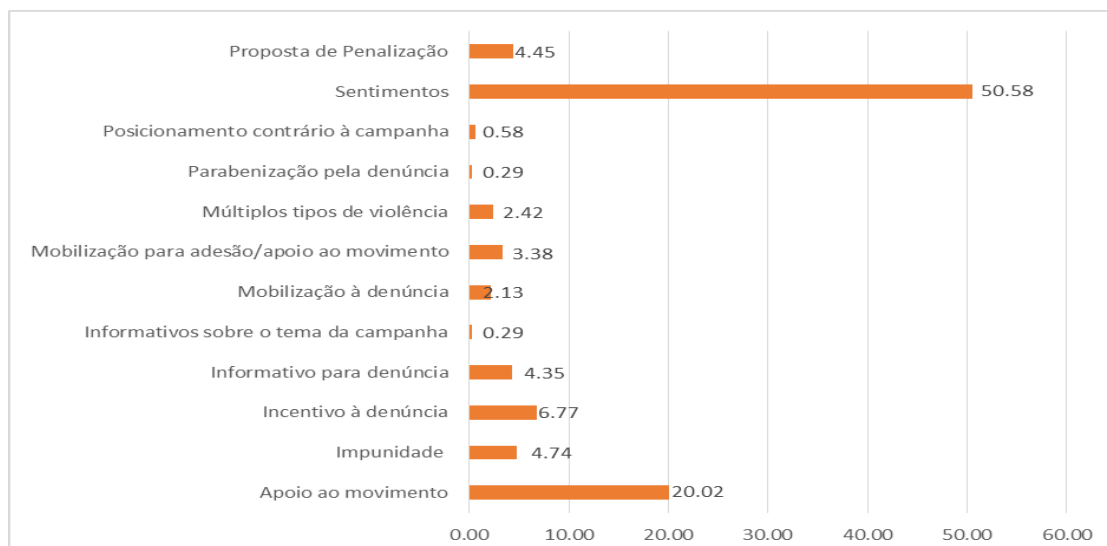


Gráfico 4: Subcategorias Comentários.

O porquê desse aumento percentual é facilmente explicado pela ocorrência das subcategorias, como visto no Gráfico 4. Nas postagens, todo o conteúdo presente em Relatos de Violações são os relatos enviados pelos usuários e as notícias sobre violações. Não há, na linha editorial da fanpage, espaço para a pura expressão de sentimentos, por exemplo. É uma característica das postagens o afastamento da subjetividade de quem posta, como que emulando um veículo informativo tradicional, que, em aparências, leva apenas o fato alheio à ocorrência de personalidades.

Os comentários, no entanto, são as reações dos leitores, da multidão. Esta, ao receber as informações geradas pela fanpage, produz reações. Considerando que a maioria

dos posts possui relatos ou notícias com conteúdo de abuso sexual, moral e físico, como informado pelo Gráfico 1, é esperado que a reação aconteça de forma sentimental. A subcategoria Sentimentos desponta isolada, sendo 50,58% dos comentários. Neles, estão presentes os mais diversos sentimentos: raiva, tristeza, alegria, compaixão, indignação, etc. Outras subcategorias de cunho sentimental também recebem destaque, como Proposta de Penalização e Impunidade. Os usuários, frente à indignação pelo abuso, sugerem penas aos agressores ou pedem o fim da impunidade nestes casos.

Há também uma grande ocorrência da subcategoria Apoio ao Movimento. É uma porcentagem esperada, visto que houve um grande apoio para a campanha “Não mereço ser estuprada” como um todo e o campo dos comentários é o local ideal para expressar e validar não apenas o trabalho feito pela fanpage, mas também o movimento iniciado por Nana Queiroz e, como um todo, a luta contra o abuso.

5. Conclusão

Debruçando-se sobre o contexto brasileiro de movimentos sociais no Brasil nos últimos anos, é possível constatar um ambiente propício para tipos de expressão de repertórios como os utilizados pela campanha “Não Mereço ser Estuprada”. O movimento feminista, em escala mundial, é um dos movimentos sociais que mais se aproveita da lógica de produção simbólica e organização das redes sociais. Todas as grandes movimentações recentes, sendo a maior delas a *Slut Walk* (Marcha Das Vadias, como é conhecida no Brasil), utilizaram as redes sociais como plataforma para difusão de seus ideais e mobilização. Apesar de consistir em uma passeata e ter o movimento presente nas ruas, todo o debate e organização por trás das *Slut Walk* ocorre em grupos mobilizados nas redes sociais. No Brasil, a lógica da Marcha das Vadias se repete e atrela-se ao uso da internet como método de mobilização. A campanha “Não mereço ser estuprada”, no entanto, torna-se singular à medida que, diferentemente de outros protestos, tem a internet, em especial o Facebook, como palco de performances políticas, sem a intenção de leva-lo às ruas, caracterizando-se como um movimento exclusivamente online.

De acordo com Shirky (2010), “falar online é publicar e publicar online é ligar-se a outros”. Vivemos uma época em que, graças às mídias digitais e a facilidade em construir estratégias de comunicação proporcionada por elas, há um aumento da capacidade de compartilhamento, cooperação e das possibilidades de organização de ações coletivas.

Observamos diariamente que ao oferecer às pessoas oportunidades de compartilhar, cooperar e organizar, diversas vezes elas irão aproveitá-las.

A análise dos posts e comentários da página permite concluir que, para além da função mobilizadora e informativa de pautas feministas e rumos da campanha, a página “Eu não mereço ser estuprada” acabou por se caracterizar como um espaço de relatos de violência contra mulher, compartilhados de forma anônima pelas administradoras da fanpage. E foi graças a esses relatos que ocorreu grande parte da interação existente entre página e seguidores, como apontado pelos dados estatísticos. A expressão de sentimentos aos relatos de violação foi a forma predominante de participação dos usuários, em mensagens que demonstravam apoio e compaixão às vítimas, indignação aos atos de agressão e violadores, tristeza, admiração, alegria pela superação e afins.

Houve, além disso, diversas trocas de experiência entre vítimas de abuso. Foi graças à coragem de dezenas de mulheres ao relato sem anonimato que, muitas vezes, outras sentiram-se motivadas a relatar suas experiências.

A partir da análise textual das interações presentes na página “Eu não mereço ser estuprada”, é seguro dizer que esta configurou-se, portanto, como uma rede de sororidade, repleta de conselhos, mensagens de apoio e identificação entre mulheres, e este foi o principal fator para o grande engajamento ali presente.

4. Referências Bibliográficas

- ALONSO, Angela. 2012. **Repertório, segundo Charles Tilly**: história de um conceito. *Sociologia & Antropologia*, v.02, n.03, p. 21-41.
- BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete P. de (org). **Tempos e Memórias**: Movimento Feminista no Brasil. Brasília, DF: IPEA, 2010. 68 p.
- BRETT, Megan R. **Topic modeling**: A basic introduction. Disponível em: <<http://journalofdigitalhumanities.org/2-1/topic-modeling-a-basic-introduction-by-megan-r-brett/>>. Acesso em: 10 de junho 2015.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: Movimentos Sociais na Era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 1º ed., 2013.
- CERQUEIRA, Daniel; MELO, COELHO, Daniel S.C. (org). **Estupro no Brasil**: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar). Brasília, DF: IPEA, 2014. 30 p.
- DIAS, Marlon S.M.; BORELLI, Viviane. A midiaticização de uma campanha social: uma aproximação ao caso “Eu não mereço ser estuprada”. In: COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS, 3, 2014, Japaratinga. **Anais...** Disponível em: <http://www.ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm3/CSM3_MarlonDiasVivianeBorelli.pdf>. Acesso em: 15 de junho 2015.
- IPEA. **Sistema de Indicadores de Percepção Social**: Tolerância social à violência contra as mulheres. Brasília: IPEA, 2014.
- MELUCCI, A. **Challenging codes**: collective action in the information age. Cambridge. Cambridge University Press, 1996.
- PEREIRA, Marcus Abílio. **Internet e mobilização política** – os movimentos sociais na era digital. *Teoria & Sociedade*, n. 18, 2, jul-dez., 2010, p. 10-33.
- POLIMENI, Yolanda. **Violência contra a mulher**. Disponível em: <<http://www.ipepe.com.br/mulher.html>>. Acesso em: 13 junho 2015.
- SHIRKY, Clay. **A Cultura da participação** – Criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SHIRKY, Clay. **Eles vêm aí** – O poder de organizar sem organizações. Lisboa: Actual, 2010.